



# DE CHARUHEN A KADECH: RELAÇÕES ENTRE O EGIPTO DO IMPÉRIO NOVO E A ÁSIA

Por LUÍS MANUEL DE ARAÚJO

*Assistente da Faculdade de Letras  
da Universidade de Lisboa (Instituto Oriental)*

## Resumé

L'Auteur étudie dans cet article les rapports entre l'Égypte du Nouvel Empire et l'Asie, notamment les rapports avec les puissants empires de Mitanni et Hatti, avec la Babylonie cassite et les royaumes du Couloir Syro-palestinien.

On remarque deux phases distinctes dans le comportement égyptien à ce propos, comprenant un mouvement expansioniste thoutméside (XVIIIème dynastie) et un mouvement contentioniste ramesside (XIXème-XXème dynasties), tout en soulignant l'existence d'un esprit de relative tolérance par rapport aux royaumes du Couloir, soumis ou influencés par l'Égypte.

Au contraire de la Nubie, les territoires du Couloir ne furent pas amplement égyptianisés; ils n'ont même pas reçu de vice-roi. D'où l'on doit conclure que l'idée si fréquemment répétée de «l'empire asiatique» des égyptiens ne doit pas être prise trop à la lettre.

(Página deixada propositadamente em branco)

## Introdução

Depois de durante alguns decénios ter conhecido o domínio hicsos (1). o Egipto, sob a égide dos príncipes de Tebas, liberta-se dos ocupantes (2) e dá início a um dos mais brilhantes períodos da sua historia: o Império Novo. Na sequência da expulsão dos Hicsos, Ahmés, fundador da xviii dinastia, investe pelo Sinai e persegue os «Imundos» (3) até à Palestina (4). Esta intervenção agressiva na Ásia inaugura a política do Império Novo em relação ao Corredor sírio-palestiniano: acautelar o comportamento das populações locais, proteger as fronteiras do Egipto e manter viáveis as estradas comerciais do Corredor (5). Criava-se assim o chamado «império asiático».

Os Egípcios vão pois tomar contacto directo com uma vasta região a que darão o nome de Retenu, correspondente ao actual Líbano, Síria e Israel (6). Era um território caracterizado pela frequente desunião entre as várias cidades e povos, muitos deles nómadas, totalizando a sua heterogénea população uns três milhões de habitantes (7). Na parte norte dominavam grupos não-semitas de hurritas e indo-europeus que se impunham pela superioridade do seu armamento em relação às populações cananeias, tendo estas mantido, graças à sua superioridade numérica, e sua língua e religião (8).

No século xvi antes da nossa era (9), existem como que duas regiões na Síria: uma na zona costeira, cujo território se encontrava «no âmbito da escrita egípcia» (10), e cujos contactos com o país das Duas Terras remontavam ao Império Antigo (11). e outra para o interior, que normalmente usava a escrita cuneiforme, integrada numa esfera cultural mais a norte, junto da Alta Mesopotâmia (12).

Os principais núcleos urbanos no sul do Corredor eram as cidades cananeias de Gaza, Ascalon e Jafa (13), no centro a importante

posição estratégica de Meguido e no norte os portos de Biblos e Sidon, entre outros <sup>(14)</sup>, pontificando no interior Kadech, Tunip, Katna, etc. A norte do Retenu ficava a vasta região conhecida pelo nome de Naharina, entre o Orontes e o Eufrates, com as cidades de Alepo, Alalakh e Karkemich <sup>(15)</sup>.

Desde a penetração egípcia no século xvi antes da nossa era, e prolongando-se pelos quatro séculos seguintes, o Corredor sírio-palestiniano seria uma região disputada entre as potências vizinhas do Egipto, Mitani e, depois, Hati, antes de os Assírios estarem em condições de lançar olhares gulosos para o litoral mediterrânico <sup>(16)</sup>. Afinal, e Abraham Malamat <sup>(17)</sup> resume bem a situação, «a história da Síria e Palestina na segunda metade do segundo milénio consiste numa série ininterrupta de expedições de conquista e medidas de repressão das grandes potências contra os seus habitantes e, além disso, numa luta constante entre essas mesmas potências para manter as suas posições» <sup>(18)</sup>.

A concupiscência dos poderosos vizinhos tinha a sua razão de ser: é que a estratégica região sírio-palestiniana era grande produtora de azeite, vinho e algum trigo, tendo apreciáveis recursos em madeira, metais preciosos e escravos <sup>(19)</sup>, valendo sobretudo como zona de passagem para regiões ricas.

## **De Ahmés aos tutmésidas**

Só por volta do vigésimo ano do seu reinado (cerca de 1530 antes da nossa era), Ahmés consegue expulsar definitivamente os Hicsos, irrompe na Palestina e destrói a grande base hicsa de Charuhen. A acção bélica do fundador da xviii dinastia não é tão conhecida como a dos seus sucessores ilustres, sabendo-se que atacou na Núbia e chegou à terceira catarata <sup>(20)</sup>. Na altura da sua morte, o Egipto estava novamente unificado e apto para o impulso expansionista.

Do seu herdeiro, Amen-hotep I, conhece-se o interesse pela Núbia do incenso, marfim, ébano, ouro, peles. Quanto ao seu empenhamento nos novos «negócios asiáticos», nada se sabe <sup>(21)</sup>.

Com Tutmés I o poder faraónico passa a controlar um imenso território que se estende desde a terceira catarata na Núbia até aos limites de Naharina, junto do rio «que corre em sentido contrário», isto é, o Eufrates <sup>(22)</sup>. Para lá chegar, beneficiou da destreza e combatividade de um novo exército bem adestrado, com armamento eficaz <sup>(23)</sup>, onde os carros de guerra ligeiros <sup>(24)</sup> desempenham papel notório nas operações. E tudo isto em escassos dois anos desde a

sua entronização: como não é fácil conceber que Tutmés I em pouco tempo tenha conquistado tão vastas regiões, teremos de aceitar a ideia de uma ação prévia levada a efeito por Amen-hotep I embora não existam provas cabais de incursões suas na Ásia.

Também não há notícias de intervenções egípcias no Retenu sob a rainha Hatchepsut <sup>(25)</sup>, faraó-fêmea notabilizada pelas relações comerciais com o distante Punt <sup>(26)</sup>. Nas construções do seu reinado, sobretudo no grande e belo templo funerário de Deir el-Bahari, é a vertente africana da sua política externa que é proclamada na pedra <sup>(27)</sup>.

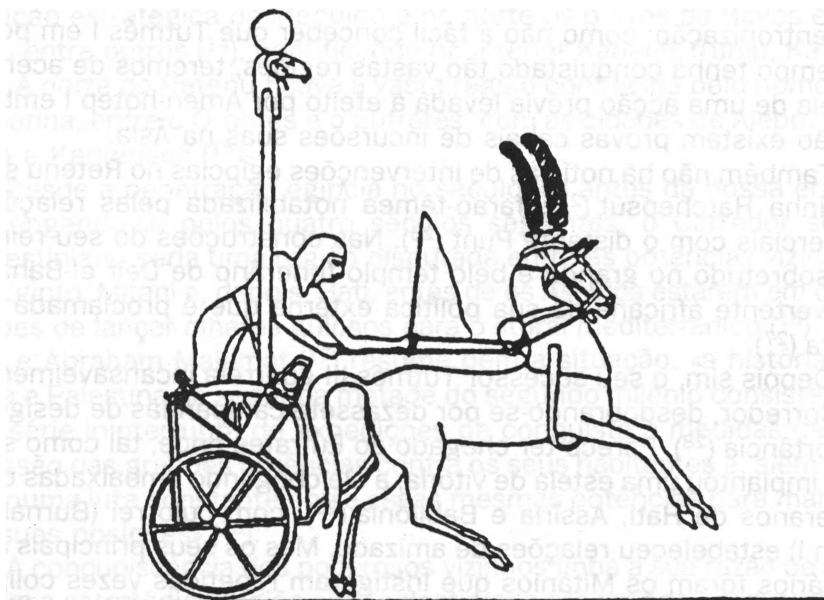
Depois sim, o seu sucessor Tutmés III guerreia incansavelmente no Corredor, desdobrando-se por dezassete campanhas de desigual importância <sup>(28)</sup>. Parece ter chegado ao Eufrates onde, tal como seu avô, implantou uma esteira de vitória, a ele chegando embaixadas dos soberanos de Hati, Assíria e Babilónia <sup>(29)</sup>, com cujo rei (Burnaburiach I) estabeleceu relações de amizade. Mas os seus principais adversários foram os Mitânios que instigaram repetidas vezes coligações anti-egípcias cujos pólos de resistência se encontravam nas cidades de Kadech e Meguido <sup>(30)</sup>.

Para a eficácia da intervenção no Retenu procedeu Tutmés III de forma inteligente, ocupando os portos mediterrânicos e dinamizando as docas de abastecimento de Peru-nefer no rio Nilo, perto de Mênfis <sup>(31)</sup>. Importantes para a estratégia egípcia eram os portos de Biblos e Sidon, entre outros, que receberam guarnição egípcia.

Ao contrário do que sucederia na Núbia, ampla e incessantemente egipcianizada <sup>(32)</sup>, o Retenu não foi colocado sob a autoridade de um vice-rei <sup>(33)</sup>. Numa paisagem e num clima algo diferentes do espaço nilótico, as guarnições e os altos funcionários egípcios instalaram-se e fortificaram-se em estratégicos núcleos populacionais os quais mantêm relativa liberdade, governados, em muitos casos, pelos chefes locais, cada cidade com o seu *uer (wr)* subordinado à autoridade provincial de um governador egípcio <sup>(34)</sup>.

Os filhos dos governantes locais foram levados para o Egipto, para mais tarde regressarem às suas terras impregnados de cultura egípcia e afeitos à submissão ao faraó. Os frutos desta política viriam a surgir anos depois do desaparecimento do enérgico criador do «império asiático».

A época de Tutmés III, «a primeira época de ideologia imperial do Egipto» <sup>(36)</sup>, caracterizou-se por uma relativa militarização da política faraónica, de que beneficiaram os comandantes do exército, sobretudo os do corpo de carros de guerra <sup>(37)</sup>, e o clero, com relevo para os sacerdotes de Amon. Estes receberam vastas recompensas



*Carro de guerra egípcio, com um condutor a dominar dois cavalos empenachados e com o estandarte criocéfalo e solarizado de Amon (38).*

especialmente em gado, servos e em terras, não apenas no Egípcio (39), mas também no Retenu (40).

O exército manteve-se em permanente mobilização quer para as actividades externas quer no próprio Egípcio, participando nos grandes trabalhos de construção, e os seus oficiais desfrutaram de algum poder, exibindo o «ouro do valor» e as suas moscas reluzentes (41), chegando alguns nomes famosos até nós (42). O seu poder viria a incomodar os influentes escribas e funcionários da administração que, em significativos textos, depreciariam e investiriam o exercício das armas (43).

Amon insuflou nos combatentes e no rei, seu filho, o ardor para obter a vitória na Ásia, e estendeu o poder de Tutmés III «até aos limites dos quatro pilares do céu» (44). Estava instalado, por alguns séculos, o poder egípcio no Corredor.

### **Os finais da xvm dinastia: o conforto o o sobressalto**

Os sucessores de Tutmés III tiveram de fazer frente a revoltas no Retenu, lideradas pelos Mitânios ou por eles instigadas. É que, como

assinalam J. Baines e J. Malek <sup>(45)</sup>, a submissão dos reis das cidades do Corredor ligava-se mais à pessoa do faraó do que ao Egípcio. Por isso, desaparecido o soberano, o herdeiro Amen-hotep II teve de conduzir operações punitivas na Ásia, que foram mais demonstrações de força do que campanhas estratégicas. E que força: os textos gabam-no como grande atleta e combatente, ficando tristemente célebre a sua crueldade inabitual nas práticas faraónicas ao castigar os rebeldes da Síria <sup>(46)</sup>.

Os resultados da vigorosa reacção de Amen-hotep II tornam-se viáveis: no nono ano do seu reinado recebe presentes de embaixadas vindas de Hati, do Mitani e da Babilónia. Nesta altura estavam os Hititas em fase de afirmação do seu poder na Anatólia e os Cassitas indiscutivelmente reinando em Babilónia, enquanto os Mitânios se encontravam no auge da sua história, o que não impediu que o seu soberano se ajoelhasse, de acordo com os textos egípcios, perante Amen-hotep II pedindo clemência <sup>(47)</sup>. Da paz que se seguiu resultaria o casamento de Tutmés IV com uma filha do rei mitânico, tendo a jovem recebido o nome egípcio de Mutemuia <sup>(48)</sup>, com a tradução de «A deusa Mut está na barca».

A época que se vai seguir é notável pela paz efectivamente estabelecida e pelos contactos entre as potências do Próximo Oriente: o Egípcio e o Mitani, principalmente, mas ainda a Babilónia cassita, com menor relevo para o Hati e uma Assíria emergente. São contactos de natureza epistolar que têm consequências na troca prestigante de mútuos presentes (especialmente ouro e mulheres) <sup>(49)</sup>.

Com o longo, pacífico, rendoso, e memorável reinado de Amen-hotep III (na primeira metade do século XIV antes da nossa era), o Egípcio atinge uma fase magnífica da sua civilização: é um tempo de bem-estar, luxo, conforto e requinte, a que não são estranhos os gostos e os costumes asiáticos que alteram algo do habitual comedimento egípcio <sup>(50)</sup>. As relações externas mostram-se fecundas, baseadas em duas solicitações recíprocas: a amizade e a aliança. Tu cá tu lá entre eles, os reis comprazem-se em se tratar por irmãos <sup>(51)</sup>, e trocam sinais de poder e riqueza numa época em que a segurança das pistas caravaneiras possibilita um incremento dos contactos entre as grandes capitais: Tebas, Uasukanie e Babilónia (conhecida pelos dominadores cassitas como Karduniach <sup>(52)</sup>).

Em Tebas, e no Egípcio, vêem-se pessoas de todas as raças e escutam-se diferentes línguas, num ambiente cosmopolita onde afluem produtos asiáticos através de um Retenu policiado e aquietado, para onde navegam barcos egípcios rumo ao Líbano das boas madeiras.



Amen-hotep III tem uma única acção militar conhecida, na Núbia, em princípios do reinado. Depois dedicou-se a grandes construções, principalmente em Tebas (53). Cioso da diversificação da população do harém real, empenhou-se em receber uma filha de Tuhrata, rei do Mitani, e a irmã e depois uma filha de Kadachmankharbe de Babilónia, que em troca receberam ouro e mulheres egípcias (mas não princesas, embora o soberano cassita tenha recebido uma princesa «de segunda», filha de uma concubina) (54)... Enfim, trocas generosas de presentes sustentavam a paz na Ásia, considerando-se «que a medida da cordialidade se expressava na regularidade e importância de tais presentes», como nos diz Garelli (55).

Mas ainda durante o fecundo reinado de Amen-hotep III os Hititas começaram a avançar na Síria do Norte, desalojando os Mitânios. O equilíbrio internacional ia ser abalado, o poder mitânico em Naharina foi substituído, impondo Supiluliumas do Hati governadores hititas nas cidades a ele submetidas ou mantendo chefes que se passaram para o seu lado (56).

As mensagens que iam chegando à corte faraónica tinham um novo estilo e referiam a instabilidade nas cidades sírias. É com este cenário que um novo faraó sobe ao trono no Egipto: Amen-hotep IV, depois tornado Akhenaton com a imposição do culto, algo exacerbado, do deus Aton. Parece que, de início, o jovem monarca não se quis comprometer nem com o crescente Império Hitita nem com o abalado Império Mitânico (57).

Cartas desesperadas dos reis das cidades do Corredor fiéis ao Egipto iam-se acumulando na chancelaria real de Akhetaton (hoje Tell el-Amarna) (58) e ficavam sem resposta. Foram encontradas, em finais do século passado, mais de trezentas tabuinhas de argila escritas em cuneiforme acádico, cujos textos, perpassados de dramatismo, contrastam com a redacção estatal e formal dos soberanos cassitas de Babilónia, «irmãos» do faraó. Um dos exemplos poderá ser a correspondência de Ribadi, rei de Biblos, que muito teria a perder com a quebra das relações com o Egipto. Do conjunto das cartas, sessenta são suas, avisando Akhenaton da desastrosa situação na Síria do Nordeste e pedindo insistentemente reforços que nunca chegaram. O representante egípcio na cananeia Jerusalém também escreveu solicitando ajuda contra os Hapiru (59), salteadores nómadas de quem se queixam igualmente outras cidades.

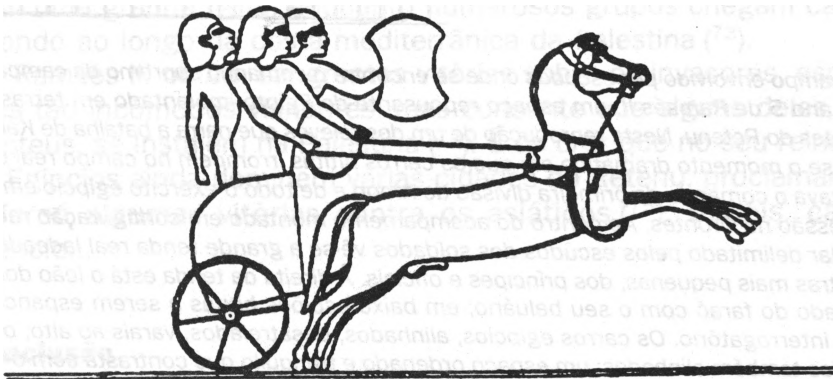
Um vento de instabilidade varre a região sírio-palestiniana em meados do século xiv. O próprio Egipto atravessava confusos momentos com a morte de Akhenaton, o colapso da experiência amarniana, o reinado do débil Tutankhamon (60), a passagem fugaz do senil Ai (61),

até à ascensão de Horemheb, um militar. A preponderância do exército, tornado indispensável com o «império asiático» que agora se desmoronava, justificava o aparecimento deste comandante das tropas reais no trono dos faraós.

### **A xix dinastia: recuperação e «statu quo»**

A Horemheb, que conseguiu conter o avanço hitita no Retenu, sucedeu um outro militar, Paramessu, tornado Ramsés I, fundador da xix dinastia. É ao seu sucessor que caberá a difícil tarefa de recuperar os territórios e o prestígio perdidos pelo Egípto, numa esforçada acção iniciada logo que subiu ao trono. De facto, Seti I, reinando em princípios do século xm, aproveita a momentânea fraqueza dos Hititas, assoberbados com problemas internos, e retoma uma série de cidades sírias que haviam sido perdidas sob Akhenaton e seus directos sucessores <sup>(62)</sup> que assumiram o faraonato numa época ainda não completamente desatonizada.

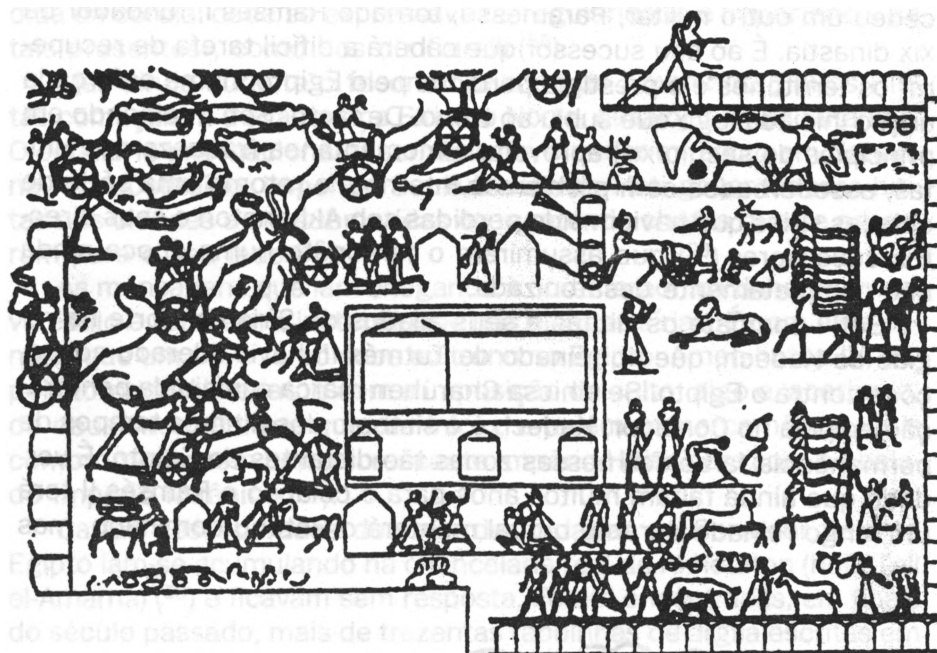
Seti I combate os Hititas e seus aliados da Síria do Norte na região de Kadech, que no reinado de Tutmés III havia liderado coligações contra o Egípto. Se a hicsa Charuhen marca o início da penetração egípcia no Corredor, Kadech é o símbolo dos últimos tempos de permanência faraónica nessas zonas tão distantes do Egípto. É verdade que ainda faltam muitos anos para o colapso e Ramsés II terá um longo reinado durante o qual manterá o Retenu dominado, mas



*Carro de guerra hitita representado nos relevos egípcios: no pequeno espaço sobre as rodas da biga apertam-se três guerreiros, ao contrário dos carros egípcios, que só levavam dois <sup>(63)</sup>.*

Kadech será o símbolo da oposição síria, desta feita apoiada pelo Império Hitita, e será o exemplo de que ambos os contendores cobiçosos dos territórios da bacia do Orontes não têm capacidade para os dominar em plenitude.

Em Kadech tentará Ramsés II derrotar o rei hitita Muatali e conquistar a insubmissa cidade do Orontes. É uma das batalhas mais famosas da Antiguidade Pré-Clássica, na qual o faraó esteve prestes a sofrer uma derrota que os textos egípcios certamente calariam <sup>(64)</sup>.



O campo envolvido por escudos onde se encontra o comando supremo da campanha do ano 5 de Ramsés II: um espaço repousante do Egito implantado em terras distantes do Retenu. Nesta reprodução de um dos relevos que narra a batalha de Kadech vê-se o momento dramático em que os carros hititas irrompem no campo real onde estava o comando da primeira divisão de Amon e de todo o exército egípcio em progressão no Orontes. Ao centro do acampamento montado em configuração rectangular delimitado pelos escudos dos soldados vê-se a grande tenda real ladeada por outras mais pequenas, dos príncipes e oficiais. À direita da tenda está o leão domesticado do faraó com o seu beluário; em baixo espíões hititas a serem espancados no interrogatório. Os carros egípcios, alinhados, desatrelados, varais ao alto, os cavalos também alinhados: um espaço ordenado e tranquilo que contrasta com o vigor das imagens do lado esquerdo onde os hititas, beneficiando da surpresa, exterminam os defensores que se lhes deparam. Será, talvez, a parte mais plausível e verídica da célebre batalha de Kadech: depois começa a epopeia mítica do contra-ataque de Ramsés II, a vibrante novela real, o poema de Kadech <sup>(65)</sup>.

Ambos os adversários se julgarão vencedores, mas os hititas e aliados não conseguem aniquilar o exército egípcio, Ramsés II não toma Kadech, as cidades da Síria do Norte mantêm-se sob influência hitita, Muatali não progride para sul <sup>(66)</sup>. Tudo aponta para resultados inconclusivos. Por isso a guerra vai continuar por mais anos, até ao tratado de paz egípcio-hitita que divide o Retenu e que culminará, como nos pacíficos dias de Amen-hotep III, com o casamento de Ramsés II e a filha do rei hitita <sup>(67)</sup>.

O sucessor de Ramsés II, o idoso Merenptah, tem mais problemas a oeste, com os libios, do que no Corredor, aparentemente submisso. Mas data do seu reinado a famosa Estela de Israel <sup>(68)</sup>, onde, a par das façanhas do faraó contra o inimigo libio, severamente castigado <sup>(69)</sup>, se faz referência a cidades revoltadas na Palestina, aí se proclamando que «Israel foi devastado e ficou sem descendência», mostrando o determinativo da palavra Israel que no caso se trata de um conjunto de tribos em número desconhecido e não de um país ou uma cidade <sup>(70)</sup>. Há notícias de Merenptah ter enviado um socorro em trigo para o Império Hitita em fase de dificuldades, parecendo assim que o Retenu se mantinha partilhado entre as duas potências e o tratado de paz em vigor <sup>(71)</sup>.

A xix dinastia termina confusamente, sugerindo o *Papiro Harris*, da dinastia seguinte, que um funcionário de origem síria se conseguira apoderar do trono <sup>(72)</sup>. A reabilitação com a xx dinastia deve-se a Ramsés III. Os tempos apresentam-se difíceis e as notícias do «império asiático» são escassas. A grande ameaça, não apenas para o Egípcio, mas para o Corredor sírio-palestiniano, é a progressão dos Povos do Mar, destruidores do Império Hitita e que atacam no Delta com uma grande frota, enquanto numerosos grupos chegam caminhando ao longo da costa mediterrânica da Palestina <sup>(73)</sup>.

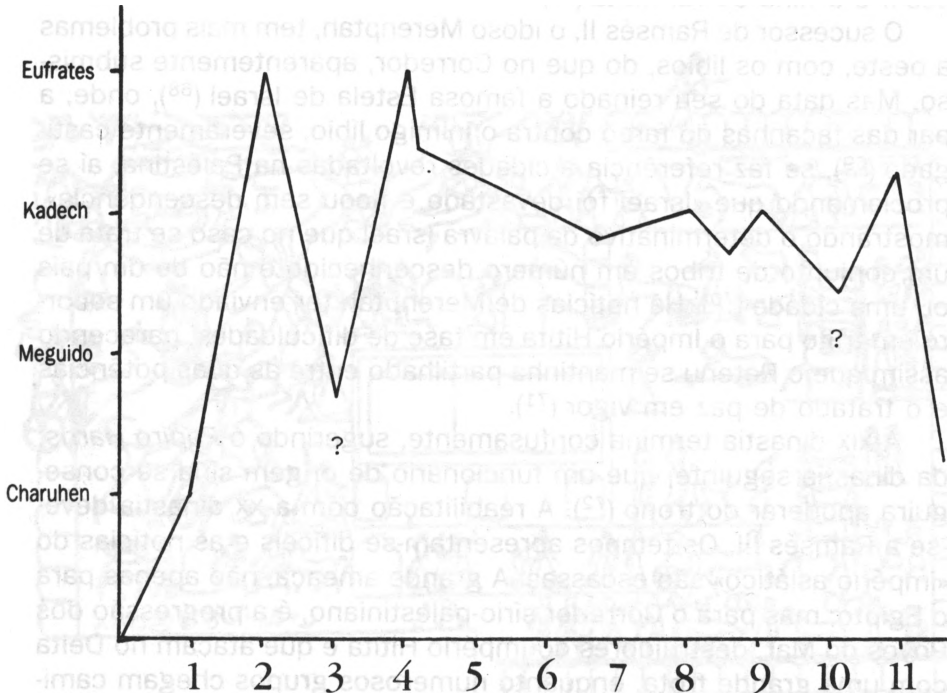
Ramsés III obtém sangrentas vitórias sobre os invasores, escorçaça tão incómodos visitantes, mas consente que alguns deles, os Filisteus, se instalem na Palestina <sup>(74)</sup>. É de crer que no seu reinado os Egípcios ainda dominem várias cidades do Retenu, proclamando o faraó algumas vitórias contra os asiáticos <sup>(75)</sup>. Depois, cai o silêncio...

## Conclusão

A criação e manutenção de um grande «império asiático», com maior ou menor extensão, no Corredor sírio-palestiniano, é uma fundamental diferença entre a época do Império Novo e os anteriores

períodos áureos da longa história da civilização egípcia: o Império Antigo e o Império Médio.

A vigorosa intervenção egípcia no Retenu e os contactos com reinos poderosamente organizados, como os de Hati, Mitani e Karduniach (a Babilónia cassita), para não falar dos reinos de dimensão e



Os limites atingidos pela progressão egípcia no Corredor sírio-palestino, tomando como referência os principais pontos de fricção com o adversário hitita: Charuhen, Meguido, Kadech e o rio Eufrates.

Correspondência dos números do gráfico:

- 1 — Ahmés (Charuhen) e Amen-hotep I (?)
- 2 — Tutmés I (Eufrates)
- 3 — Tutmés II e Hatchepsut (?)
- 4 — Tutmés III (Meguido e Eufrates)
- 5 — Amen-hotep II, Tutmés IV e Amen-hotep III (manutenção)
- 6 — Akhenaton, Tutankhamon e Ai (recuo)
- 7 — Horemheb e Ramsés I (contenção)
- 8 — Seti I (Kadech)
- 9 — Ramsés II (Kadech; sem a conseguir tomar)
- 10 --- Final da XIX dinastia (?)
- 11 — Ramsés III (provavelmente a norte de Kadech)

poder variáveis da Síria do Norte, deram a conhecer aos Egípcios de uma maneira directa, novas formas e concepções de vida de sociedades muito diferentes daquelas que haviam subjugado na outra fronteira de fricção, a Núbia. Se é certo que as influências egípcias no Corredor são visíveis, também o Egito recebeu influências várias que adaptou aos seus modelos próprios: tal se verifica na arte, na religião, na língua, nos costumes e nas mentalidades. As riquezas afluíam ao Egito nessa época de prosperidade, embora não se deva sobrepor os réditos asiáticos aos mais rendosos benefícios da exploração da Núbia, cuja egipcianização exitosa jamais foi igualada, e de resto nem foi tentada, no Corredor, de uma forma conseqüente <sup>(76)</sup>.

A arte do Império Novo reflecte bem o clima de confiança e de vida faustosa assumida pelos faraós e altos funcionários bafejados pela vinda de riquezas da Ásia e da Núbia. Entre estes, encontram-se os comandantes militares e os sacerdotes, com relevo para o corpo sacerdotal de Amon-Ré <sup>(77)</sup>. O exército e o clero, sem que se possa dizer ter havido grande homogeneidade ou «interesse de classe» entre estas duas componentes da sociedade, oscilavam em torno do centralismo maético do faraó a quem Amon «concedera» os territórios da Ásia, proporcionando ao Egito a gestão de uma vasta região no Retenu. Essa gestão, comparada com outros grandes impérios, não parece ter sido desenfreada e aniquiladora, antes, e à boa maneira egípcia, se fica com a sensação de uma certa equidade, onde não faltavam concepções maéticas de equilíbrio e uma relativa racionalidade: é que o Egito tanto recebia tributos da Ásia como para lá enviava mantimentos em caso de necessidade <sup>(78)</sup>. E embora sejam conhecidos casos de deslocamento forçado de populações <sup>(79)</sup>, o Corredor manteve em geral os seus ritmos de vida, as suas cidades por vezes buliçosamente independentes umas das outras, as suas instituições, os seus santuários de culto, e muitas vezes as suas próprias autoridades desde que não hostilizassem o Egito.

Entalados entre poderosos vizinhos, o Mitani e, depois, o Império Hitita ao norte, e o Egito a sul, os reis das cidades sírias mantiveram difíceis equilíbrios para a preservação das suas dinastias e do seu poder local. Kitchen sublinha, de forma sintomática, os quatro princípios básicos da difícil conduta desses soberanos do Corredor:

- 1.º) Preservação da autonomia local;
- 2.º) Extensão do seu poderio através de ampliações territoriais;
- 3.º) Aparência de lealdade para com o Egito;
- 4.º) Oposição ou submissão ao Egito, conforme as circunstâncias <sup>(80)</sup>.

Para o Egípto, a investida pelo Corredor a partir da conquista e aniquilação de Charuhen com o desaparecimento dos Hicsos enquanto manifestação de domínio e opróbrio, e a manutenção de forças militares no Retenu foram mais acções de controlo das vias de acesso às fontes de matérias-primas do que propriamente um conjunto de operações para defender a fronteira oriental do Delta. Embora a dinastia que iniciou a expansão o fizesse, a julgar pelos acontecimentos, com o objectivo de aniquilar os Hicsos nas suas bases de partida no Corredor, a posterior evolução tornou clara a intenção de manter o Retenu como uma segura zona onde o comércio pudesse em paz fluir para o Egípto, tanto por terra como por mar. Assim, o celebrado império asiático seria antes um «império de trânsito» <sup>(81)</sup> sem vice-rei. Tratar-se-ia, afinal, de mudar a antiga unidade Palestina-Delta dos Hicsos, para a unidade Delta-Palestina dos Egípcios.

Quanto às operações bélicas no Corredor há a referir a diferença entre o movimento expansionista dos tutmésidas (xviii dinastia) e a estratégia contencionista ramsésida (xix dinastia), quando a visão imperial dos Hititas na Síria do Norte se choca com os interesses egípcios. O choque egípcio-hitita vai envolver em rija contenda, por largos anos, as cidades do Corredor, cada lado com os seus aliados. A paz viria depois a estabelecer-se, sem vencedor aparente, a Síria do Norte seria dividida, até que em finais do século xm o Império Hitita desaparece.

Também os Egípcios haveriam de retirar do Retenu, certamente sofrendo derrotas de que os textos, naturalmente, não falam, e ao longo da xx dinastia, na deplorável e penosa sucessão de efémeros ou ineptos Ramsés, o «inimigo asiático» manter-se-ia ameaçadoramente vivo mas apenas na memória traduzida na iconografia e nas inserções, proclamando-se então o abatimento do «miserável» Hati quando este há muito tinha já passado à história <sup>(82)</sup>.

A queda do Império Hitita e a falência do poder faraónico na Ásia iriam criar, em finais do segundo milénio, as condições favoráveis para a independência política das populações do Retenu, «assim como a consolidação de grupos novos, como as tribos de Israel no sul» <sup>(83)</sup> e o estabelecimento dos Povos do Mar na Palestina <sup>(84)</sup>. O Corredor sírio-palestiniano assistiria depois à formação de importantes reinos semitas antes da penetração dos Assírios mostrando aos povos que o terror como arma de propaganda e afirmação do Estado, o terror metódico e sistematizado (é a própria literatura assíria que o canta, secundada pelos baixos-relevos dos palácios) substituíria de vez uma certa propensão hitita para a tolerância e uma relativa bonomia egípcia na administração de territórios subalternizados.

Alguns séculos depois a XXVI dinastia saíta tentará, com o «renascimento» vivido então, recuperar o Corredor sírio-palestiniano. Mas no século vil antes da nossa era os inimigos do Egipto eram muito poderosos, armados de ferro contra um país de longa e exaltante civilização que obstinadamente se mantinha armado de bronze. Em vão os saítas se esforçam no disputado Retenu, com o núcleo das suas forças militares nos helénicos e blindados hoplitas que serviam o faraó na linha tradicional de um forte mercenariato perfilhado pelos ram-séssidas. Virão a ser ingloriamente esmagados pelos neobabilónicos do ascendente Nabucodonosor, em Karkemich, perto do Eufrates, aquele grande rio que «corria ao contrário», provando que iam bem longe os áureos tempos em que os «miseráveis» soberanos da Ásia vinham implorar o perdão, o ouro e a amizade do senhor das Duas Terras.

«Foi do Egipto que vieram as artes para o meu país! Foi do Egipto que veio a sabedoria para o meu país!»

*Palavras de Tjekerbaal, rei de Tiro (séc. xi a. C.)*

## NOTAS

O presente texto foi apresentado como comunicação no ciclo de conferências de temática pré-clássica que, a par de uma exposição bibliográfica e documental, se organizou para assinalar a abertura do Instituto Oriental da Faculdade de Letras de Lisboa (5 de Fevereiro de 1990). A apresentação da comunicação dividiu-se em três partes: o texto que aqui se publica, uma projecção de diapositivos alusivos ao tema e as conclusões.

Quanto ao diaporama que ilustrou a comunicação, ele proporcionou a projecção das seguintes imagens:

- 1 — Paisagem egípcia: o Nilo e a margem ocidental da região tebana; contraste entre a zona fértil e verdejante e a paisagem árida de Deir el-Bahari;
- 2 — Paisagem síria: O histórico morro de Kadech nas margens do Orontes e as águas do Nahr Ibrahim, correndo entre frondosas margens nos montes do Líbano;
- 3 — Tutmés III dominando um grupo submisso de prisioneiros asiáticos (relevo do templo de Karnak);
- 4 — Tutmés III venerando o deus Amon-Ré entronizado (pintura de um santuário histórico encontrado em Deir el-Bahari, e hoje no Museu do Cairo);
- 5 — Estátua de Tutmés III (Museu do Cairo);
- 6 — Amen-hotep III e a rainha Mutemuia (pintura de um túmulo da necrópole tebana);



- 7 — Akhenaton sob os raios beneficentes de Aton (Museu do Cairo);
- 8 — Carro de guerra dourado do espólio funerário de Tutankhamon (Museu do Cairo);
- 9 — Pintura sobre estuque de um cofre de Tutankhamon: o rei acomete um de-sordenado e patético magote de asiáticos (Museu do Cairo);
- 10 — Sandálias de Tutankhamon, com a representação de um núbio e um asiático, e os tradicionais nove arcos do inimigo mítico que o faraó esmaga sob os seus pés (Museu do Cairo);
- 11 — Pílope do Ramesseum: hititas e seus aliados do Corredor fugindo em debandada perante a carga épica de Ramsés II;
- 12 — A batalha de Kadech: o esquema táctico da batalha e a imagem do faraó lançando-se sobre o inimigo numeroso e «incontável»;
- 13 — Ramsés II agarrando um grupo de asiáticos pelos cabelos e preparando-se para desferir o golpe fatal com a sua maça (relevo do templo rupestre de Abu Simbel);
- 14 — Reconstituição artística da contagem dos mortos inimigos no rescaldo de uma batalha, algures no Corredor (reconstituição de Pierre Probst, in *Au Temps des Anciens Égyptiens*, Hachette, Paris, 1979, p. 47);
- 15 — O *migdol* sírio construído por Ramsés III à entrada do seu templo funerário de Medinet Habu: um «souvenir» petrificado das suas pouco documentadas campanhas na Ásia.

(1) O grupo heterogéneo de povos a cujos líderes os Egípcios chamaram de *hekau khasut* (com o significado de «chefes dos países estrangeiros»), penetraram no Egipto em princípios do século xviii antes da nossa era, embora só mais tarde pudessem dispor de um poder organizado e centralizado, com capital em Avaris. Para a penetração e instalação dos invasores hicsos é muito útil Sir Alan GARDINER, *Egypt of the Pharaohs. An Introduction*, Oxford University Press, Londres, Oxford, Nova Iorque, 1961, pp. 155-159; também Etienne DRIOTON e Jacques VANDIER, *L'Égypte, Des Origines à la Conquête d'Alexandre*, 6.<sup>a</sup> ed., Col. Dito, Presses Universitaires de France, Paris, 1984, pp. 288-294; na opinião de Paul GARELLI, *O Próximo Oriente Asiático, das Origens às Invasões dos Povos do Mar*, Livraria Pioneira Editora, Editora da Universidade de São Paulo, São Paulo, 1982, p. 146, «O movimento dos hicsos alimentou-se essencialmente de cananeus e amoritas».

(2) Convém notar que os soberanos do Delta com sede em Avaris e mantendo relações com as regiões do Corredor, de onde eram originários, estavam já profundamente egípcianizados em princípios do século xvi antes da nossa era (constituindo a XVI dinastia de Maneton), quando se levantou contra eles a reacção «nacionalista» dos governantes de Tebas, já revestidos com a titulação faraónica e formando a XVII dinastia; ver Georges POSENER, *Dictionnaire de la Civilisation Égyptienne*, 2.<sup>a</sup> ed., Fernand Hazan Éditeur, Paris, 1970, pp. 136-137 («Hyksôs»); para a dinastia hicsa (a XVI) ver A. GARDINER, o.e., p. 443; para as campanhas de «libertação» contra os hicsos é bem ilustrativo Labib HABACHI, *The Second Stela of Kamose and his Struggle Against the Hyksos Rulers and his Capital*, Abhandlungen des Deutschen Archäologischen Instituts Kairo, Ägyptologische Reihe, Band 8, Verlag J. J. Augustin, Glückstadt, 1972.

(3) Designação que nos textos laudatórios egípcios se aplica aos Hicsos, nomeadamente em inscrições do chamado Speos Artemidos (Hatchepsut) e no texto do *Papiro Sallier I* (do reinado de Merenptah, já na XIX dinastia); ver Barry J. KEMP, «Old King-

dom, Middle Kingdom and Second Intermediate Period, c. 2686-1552 BC», in *Ancient Egypt. A Social History*, Cambridge University Press, Cambridge, 1983, pp. 154-155.

(4) As operações desenrolaram-se numa primeira fase no Sul do Corredor sírio-palestiniano, visando a captura e destruição de Charuhen, o que de facto veio a acontecer. Não se conhecem bem as actividades de Ahmés no Corredor Central nem os limites atingidos pela sua investida.

(5) Sobretudo as vias que conduziã a Biblos e ao Líbano das madeiras, embora fosse neste caso mais viável a ligação marítima. Os faraós do Império Novo procuraram, com algum êxito, complementar estes dois eixos de comunicação para o Norte, o terrestre e o marítimo.

(6) O limite norte desta região era conhecido pelo nome de Naharina, zona banhada pelo Eufrates e que seria disputada longamente entre os Egípcios e os Mitânios.

(7) P. GARELLI, o.e., p. 148.

(8) Abraham MALAMAT, «Siria y Palestina en la Segunda Mitad del Segundo Milenio», in *Los Imperios del Antiguo Oriente. II. El Fin del Segundo Milenio*, Historia Universal Siglo XXI, 9.ª ed., Madrid, 1980, p. 153.

(9) Situamo-nos nesta altura no momento em que o Egipto inicia o seu movimento de penetração no Corredor sírio-palestiniano (meados do século indicado) inaugurando um período de superioridade e grande influência nessa região que se manterã, corn altos e baixos, até ao reinado de Ramsés III (XX dinastia, primeira metade do século XII antes da nossa era).

(10) Abraham MALAMAT, o.e., p.155.

(11) Sobre as relações entre O Líbano e o Egipto no Império Antigo, nomeadamente as ligações marítimas e a construção naval que tais actividades impunham, ver Alessandro ROCCATI, *La Littérature Historique sous l'Ancien Empire*, Littératures Ancien-nés du Proche-Orient, 11, Les Éditions du Cerf, Paris, 1982, pp. 39-52; sobre os relevos do templo funerário de Sahuré (V dinastia) que mostram uma expedição naval ao Líbano ver John BAINES e Jaromir MÁLEK, *Atlas of Ancient Egypt*, Phaidon Press Ltd., Oxford, 1981, p. 153.

(12) Abraham MALAMAT, o.e., p. 155.

(13) Estas cidades transformar-se-iam em importantes bases egípcias na rota para o Corredor Central; ver mapa da região em J. BAINES e J. MÁLEK, o.e., p. 44, mostrando os limites atingidos pela expansão egípcia do Império Novo.

(14) *Ibidem*.

(15) *Ibidem*.

(16) O que só ocorreria esporadicamente com Tiglatpileser I no século xi, antes da instalação metódica das tribos aramaicas em Naharina e no Alto Eufrates, e mais incisivamente já no século x com Assurdan II e Adadnirari II, e seus enérgicos sucessores, altura em que uma Assíria em vias de ressurgimento, «volta a dirigir a sua atenção para as costas mediterrânicas»: René LABAT, «Asiria y los Países Vecinos (Babilonia, Elam, Irán) desde el 1000 hasta el 617 a. C. El Nuevo Imperio Babilónico hasta el 539 a. C.», in *Los Imperios del Antiguo Oriente. III. La Primera Mitad del Primer Milenio*, Historia Universal Siglo xxi, 8.ª ed., Madrid, 1980, pp. 3-4.

(17) O.C., p. 153-155.

(18) A luta entre as grandes potências da época nos teatros de operações do disputado Corredor iria por sua vez motivar rivalidades adicionais entre os vários soberanos locais, cujas relações eram já por si muito tensas (*ibidem*).

(19) A que se poderia juntar a indústria têxtil e a típica produção da púrpura (A. MALAMAT, o.e., p. 157).

(20) As acções militares de Ahmés que conhecemos não são fornecidas por inserções referentes ao próprio soberano, elas chegaram-nos por via indirecta, graças aos textos dos seus oficiais, nomeadamente os seus homónimos Ahmés, filho de Abana, e Ahmés-pennekheb. A verdade é que Ahmés continuou em relação à Núbia a política de manutenção da segurança iniciada na fronteira sul pelo seu antecessor e irmão Kamés.

(21) Embora P. Garelli diga que, na sequência da campanha de Ahmés em perseguição dos Hicsos, «a conquista prosseguiu» sob Amen-hotep I (o.e., p. 148).

(22) Tutmés I mandaria gravar na rocha em Tombos, na Alta Núbia, onde chegou com o seu exército, uma longa inscrição de vitória na qual alude às suas proezas. Depois da encomiástica introdução diz: «Os limites da terra inteira foram atingidos, as suas extremidades foram ultrapassadas, graças ao seu braço poderoso que anseia pelo combate. Ele não consegue encontrar alguém que ouse competir com ele. Os vales que os seus predecessores desconheciam foram ultrapassados, nenhum dos que antes dele usaram o *pchent* os viram. A sua fronteira meridional estende-se até ao sul deste país, o seu limite setentrional até a este famoso rio que corre ao contrário» (in Claire LALOUETTE, *Thèbes, ou la Naissance d'un Empire*, Éd. Fayard, Paris, 1986); ver A. GARDINER, o.e., p. 178, para a chegada de Tutmés I a Tombos.

(23) O armamento egípcio continuava a ser essencialmente em cobre e em bronze; as grandes inovações em relação ao anterior Império Médio foram o uso dos carros de guerra ligeiros puxados por dois cavalos, a utilização de uma espécie de cimitarra de origem siria (o *khepech*), novos tipos de machado de combate e arcos para flechas que agora já têm pontas de metal (para a descrição do armamento da época utilizado pelos Egípcios no Corredor ver C. LALOUETTE, o.e., pp. 150-153; também Niels SAXTORPH, *Warriors and Weapons, 3000 B.C. to A.D. 1700*, Blanford Press, Londres, 1972, pp. 141-143, com reconstituições nas gravuras 1-11 e 21-25).

(24) Carros de guerra egípcios em razoável estado de conservação foram encontrados nos túmulos de Tutmés IV e de Tutankhamon. Uma imagem de um carro de Tutankhamon pode ser visto em Kamal EL-MALAKH e Arnold BRACKMAN, *The Gold of Tutankhamon*, Newsweek Books, Nova Iorque, 1978, gravura 79, com detalhe da decoração lateral na gravura 78, e legenda explicativa na p. 301. Para além destes mencionados exemplares já com mais de três mil anos, muitos relevos egípcios (Karnak, Ramesseum, Medinet Habu, Abidos, Abu Simbel) mostram imagens de carros de guerra egípcios. Também os adversários dos faraós no Corredor, nomeadamente os Mitânios e, depois, os Hititas, utilizarão forças de carros de guerra em número considerável, como arma de ataque rápido. Esses carros serão, entre os Mitânios, conduzidos pelos *marianu*, «experimentados guerreiros, condutores dos carros de combate, que formavam o eixo militar e administrativo da monarquia» (A. MALAMAT, o.e., p. 155); ver também P. GARELLI, o.e., p. 145, indicando o autor que o termo *marianu* tem origem indo-europeia e deriva do veda *marya*, com o significado de «vário, herói». Mais informação sobre as forças armadas egípcias pode ser colhida em

Nathalie PERCHE, «Les Soldats du Roi»; in *Historia Spécial: L'Égypte des Pharaons*, n.º 495, Março, 1988, pp. 20-25, e sobretudo Adolf ERMAN e Hermann RANKE, *La Civilisation Égyptienne*, Éd. Payot, Paris, 1982, pp. 697-737 (cap. XX: «La guerre»), e Pierre MONTET, *La Vie Quotidienne en Égypte au Temps des Ramsés*, Lib. Hachette, Paris, 1946, pp. 295-332 (cap. IX: «L'armée et la guerre»).

(25) Parece que durante os cerca de vinte anos em que Hatchepsut se assenhoreou do poder no Egito foram descurados os territórios egípcios no Corredor, sobretudo na Síria do Norte, tendo os Mitânios aproveitado para progredir para sul de Nahariña e suscitarem a hostilidade dos príncipes locais contra as autoridades egípcias na região.

(26) A grande empresa externa conhecida do tempo de Hatchepsut foi a expedição ao distante Punt, de carácter essencialmente comercial: destinava-se acima de tudo ao abastecimento do templo de Amon em produtos necessários ao culto (incenso, mirra, peles, etc.)

(27) O relato da grande expedição ao Punt ficou gravado no templo funerário de Hatchepsut em Deir el-Bahari; ver M. WERBROUCK, *Le Temple d'Hatshepsout à Deir el-Bahari*, Fondation Égyptologique Reine Élisabeth, Bruxelas, 1949.

(28) Informação detalhada das campanhas de Tutmés III em C. LALOUETTE, o.e., pp. 274-299. No texto dos *Anais* de Karnak poderemos respigar uma enumeração dos despojos obtidos pelo faraó em Meguido:

- « — 3 4 0 - prisioneiros vivos;
- 83 mãos (cortava-se a mão direita aos cadáveres);
- 2401 cavalos;
- 191 potros;
- 6 garanhões;
- um carro incrustado de ouro do príncipe de Kadech;
- um carro incrustado de ouro do príncipe de Meguido;
- 892 carros;
- 2 cotas de armas em bronze dos príncipes de Kadech e Meguido;
- 20 cotas de armas em bronze;
- 502 arcos;
- 7 peças de prata pertencentes à tenda de um príncipe;
- 1929 bovinos;
- 2000 cabras;
- 20 500 carneiros.»

(29) P. GARELLI, o.e., pp. 149-150.

(30) Os grandes adversários de Tutmés III no Corredor foram os Mitânios e não, como escrevem erradamente alguns, os Hititas. Além de que Kadech não era a capital dos Hititas, como por vezes se julga (este erro surge em A. ERMAN e H. RANKE, o.e., p. 59, e é seguido por outros, influenciados por estes autores).

Os Hititas, a partir do século xv, continuarão a política anteriormente seguida pelos Mitânios no aliciamento das cidades da Síria do Norte virando-as contra os Egípcios. E tal como sucedera no tempo da hegemonia mitânica em Naharina também os Hititas utilizarão Kadech como uma das principais bases da sua política em relação à Síria do Norte. Mas a capital hitita é Hatuchas e não Kadech.

(31) C. LALOUETTE, o.e., p. 153: o porto de Mênfis, que era a principal base naval egípcia de partida das forças marítimas para o Corredor, tinha o nome de Peru-nefer, com o significado de «boa saída» ou «boa viagem».

- (32) Jean LECLANT, «Les 'Empires' et l'impérialisme de l'Égypte Pharaonique» in Maurice Duverger, *Le Concept d'Empire*, Presses Universitaires de France, Paris, 1980, pp. 49-68.
- (33) No Corredor foi mantida uma administração indígena embora sob controlo egípcio, enquanto a Núbia era governada por um vice-rei que tinha o título de «filho real de Kuch», o qual não implicava nenhuma ligação familiar com o rei. O cargo de vice-rei da Núbia atesta-se desde o sétimo ano de reinado de Amen-hotep I, embora possa ter tido precedentes com o seu antecessor Ahmés (ver. C. LALOUETTE, o.e., p. 129). O primeiro «filho real de Kuch» que se conhece foi o alto funcionário Turé, o qual, sintomaticamente, era escriba das oferendas divinas de Amon.
- (34) Para uma melhor eficácia da administração egípcia, o Corredor dividia-se em três regiões: Amurru, Upi e Canaã.
- (35) Nomeadamente durante o próspero e pacífico reinado de Amen-hotep III, bisneto de Tutmés III.
- (36) Antonio P. LARGACHA, «Egipto y Sirio-Palestina en Epoca de Tutmosis III», in *Boletín de la Asociación Española de Orientalistas*, XXIII, Madrid, 1987, p. 332.
- (37) Os oficiais que combatiam nos carros de guerra recebiam uma educação comum à dos escribas (C. LALOUETTE, o.e., p. 152), pelo que estariam aptos a ocupar altos cargos na administração.
- (38) Gravura extraída de A. ERMAN e H. RANKE, o.e., p. 714.
- (39) Mais do que os militares, os principais beneficiários foram os sacerdotes de Amon, que viram o seu templo amoniano de Karnak crescer em tamanho (os faraós do Império Novo levaram a cabo um grande programa de construções) mas também em riqueza, graças aos despojos das campanhas militares.
- (40) O *Papiro Harris I*, do reinado de Ramsés III/Ramsés IV, alude a cinco aldeias da Síria que pertenciam, por doação faraónica, ao templo de Karnak (ver W. ERICHSEN, *Papyrus Harris I. Hieroglyphische Transkription*, Col. Bibliotheca Aegyptiaca, V. Fondation Égyptologique Reine Élisabeth, Bruxelas, 1933, p. 97; também em G. LEFÈVRE, *Histoire des Grands Prêtres d'Amon de Karnak jusqu'à la XXIe dynastie*, Librairie Orientaliste de Paul Geuthner, S.A., Paris, 1929, p. 168).
- (41) Ver imagens de tais «condecorações» em Jean-Pierre CORTEGGIANI, *The Egypt of the Pharaohs at the Cairo Museum*, Hachette, Paris, 1986, p. 85; também Cyril ALDRED, *Jewels of the Pharaohs. Egyptian Jewelry of the Dynastic Period*, Thames and Hudson, Londres, 1971, gravura 41.
- (42) Além dos já mencionados oficiais Ahmés filho de Abana e Ahmés-pennekheb, ficaram famosos Amenemheb e Djehuti, oficiais de Tutmés III; é de notar que notáveis arquitectos como Senenmut (reinado de Hatchepsut) e Amen-hotep filho de Hapu (reinado de Amen-hotep III) iniciaram as suas brilhantes carreiras de altos funcionários no exército; ver C. LALOUETTE, o.e., pp. 294-298 para Amenemheb e Djehuti, 235-239 para Senenmut e 446-452 para Amen-hotep).
- (43) N. PERCHE, o.e., p. 22; também em A. ERMAN e H. RANKE, o.e., pp. 736-737.
- (44) Sir Alan GARDINER, *Egyptian Grammar*, 3.<sup>a</sup> ed. revista, Griffith Institute, Ashmolean Museum, Oxford, 1957, p. 90.
- (45) O.e., p. 43

- (46) Id., p. 45; C. LALOUETTE, o.e., p. 389.
- (47) Trata-se naturalmente da versão egípcia. Em todo o caso Amen-hotep II regressou vitorioso ao Egípto, carregado de despojos (id., pp. 389-393). Segundo P. GARELLI, o faraó fez setenta mil prisioneiros, os quais «foram deportados para o Egípto e seus chefes enforcados» (o.e., p. 150); mas acrescenta que nada nos diz que «no curso dessas expedições o faraó tivesse combatido directamente o rei do Mitani» (*ibidem*).
- (48) A. GARDINER, *Egypt of the Pharaohs*, p. 208; E. DRIOTON e J. VANDIER, o.e., p. 410; C. LALOUETTE, o.e., p. 416.
- (49) Como se pode observar pelas cartas encontradas nos arquivos de Amarna, a antiga Akhetaton, capital de Akhenaton. Escritas em cuneiforme acádico, a língua internacional da época, as cartas ilustram a troca de correspondência entre a corte faraónica e os vários soberanos da Ásia.
- (50) Christiane DESROCHES-NOBLECOURT, «Arts de Métamorphose», in Jean Leclant, *Les Pharaons, 2: L'Empire des Conquistadors*, Col. L'Univers des Formes, Gallimard, Paris, 1979, pp. 205-269.
- (51) Como se pode ver nas cartas de Amarna: William L. MORAN (trad.), *Les Lettres d'El-Amarna, Correspondance Diplomatique du Pharaon*, Littératures Anciennes du Proche-Orient, 13, Les Éditions du Cerf, Paris, 1987, pp. 31-32 da Introdução; também J. A. KNUDTZON (ed.), *Die El-Amarna-Tafeln mit einleitung und erläuterungen*, I, Otto Zeller Verlagsbuchhandlung, Aalen, 1964, pp. 15-21 da Introdução (Inhalt der Tafeln).
- (52) Elena CASSIN, «Babilonia bajo los Casitas y el Imperio Asirio Medio», in *Los Imperios del Antiguo Oriente. II. El Fin del Segundo Milenio*, Historia Universal Siglo XXI, 9.ª ed., Madrid, 1980, p. 9.
- (53) Para as construções do reinado de Amen-hotep III, que se estendem de norte a sul do Egípto e Sudão, mas com especial destaque em Tebas, é proveitosa a consulta de Elvira d'AMICONE, «L'Éta d'Oro di Amenhotep III», in *Le Grandi Scoperte dell'Archeologia*, I, Istituto Geográfico de Agostini, Novara, 1986, pp. 302-317.
- (54) P. GARELLI, o.e., p. 160.
- (55) *Ibidem*.
- (56) Para a expansão hitita na Síria do Norte ver P. GARELLI, o.e., pp. 163-171, e O. R. GURNEY, *The Hittites*, Penguin Books, Harmondsworth, 1980, pp. 29-34.
- (57) P. GARELLI, o.e., p. 160.
- (58) Ver nota 51.
- (59) Os Hapiru dos textos egípcios são vistos por vezes como antepassados dos Hebreus: ver Charles F. ALING, *Egypt and Bible History*, Baker Book House, Grand Rapids, 1981, p. 109; para Garelli os beduínos Hapiru eram «grandes bandos que prestavam serviços a quem pagasse mais, quando não operavam por conta própria» (o.e., p. 146).
- (60) Reinou entre 1347-1337, segundo O'CONNOR, «New Kingdom and Third Intermediate Period, 1552-664 BC», in *Ancient Egypt. A Social History*, Cambridge University Press, Cambridge, 1983, p. 184; são conhecidas as dramáticas mensagens

enviadas pela jovem viúva de Tutankhamon ao rei hitita Supiluliumas, solicitando-lhe um filho em casamento (ver J. VERGÜTE, *Toutankhamon dans les Archives Hittites*, Nederlands Historisch-Archaeologisch Instituut in het Nabije Oosten, XII, Istanbül, 1961).

(61) 1337-1333, segundo O'CONNOR, id. O idoso e senil Ai acabaria por desposar a viúva de Tutankhamon.

(62) Os Hititas, que haviam substituído os Mitânios na Síria do Norte como instigadores das coligações anti-egípcias, refrearam as suas acções no Corredor nos anos que se seguiram à morte de Supiluliumas I (breve reinado do seu sucessor Arnuan-das II e subida ao poder do jovem e inexperiente Mursilis II), coincidindo no Egipto com os vigorosos reinados de Horemheb e Seti I, que encetaram a recuperação. Entretanto, e aproveitando bem a ocasião, algumas cidades sírias fizeram aos Hititas o que também faziam aos Egípcios, separaram-se e afastaram-se da coligação e da vassalagem: se bem que os príncipes de Alepo e Karkemich se tivessem mantido leais, o mesmo não sucedeu com os de Arzaua, Mira, Kuualia, Hapala (ver. O. R. GURNEY, o.e., p. 33).

(63) Gravura extraída de A. ERMAN e H. RANKE, o.e., p. 735.

(64) Conhecem-se razoavelmente os pormenores da movimentação estratégica e táctica dos dois contendores que se defrontaram nas imediações de Kadech, nas margens do rio Orontes. São vários os estudos referentes ao célebre evento, uns de cariz mais literário outros analisando os aspectos político-militares. Para um apanhado dos textos que se dedicam ao tema ver Miriam LICHTHEIM, *Ancient Egyptian Literature*, vol. II: The New Kingdom, University of California Press, Berkeley, Los Angeles, Londres, 1976, pp. 59-60; urn esquema da batalha pode ser observado em François DAUMAS, *La Civilización del Egipto Faraónico*, Editorial Juventud, S.A., Barcelona, 1972, p. 419; ainda, corn mais riqueza de detalhe, em J. BAINES e J. MALEK, o.e., p. 202.

(65) Gravura extraída de A. ERMAN e H. RANKE, o.e., p. 713.

(66) Para o hititólogo Gurney a batalha de Kadech terminaria com a indiscutível vitória hitita (o.e., pp. 35-36, com detalhes da batalha na p. 112); entretanto vejam-se as opiniões contrárias de Nicolas GRIM AL, «Treize siècles avant notre ère», in Rose-Marie JOURET (dir.), *Thèbes, 1250 av. J.-C. Ramsés II et le rêve du pouvoir absolu*, Éd. Autrement, Paris, 1990, p. 30; ainda C. LALOUETTE, *L'Empire des Ramsés*, Librairie Arthème Fayard, Paris, 1985, p. 122. Em todo o caso, e em face da incapacidade de ambos os contendores em expulsarem o adversário, a fronteira ficaria no Nahr el-Kelb, na Síria do Norte.

(67) Sobre o tratado de paz ver A. GARDINER, *Egypt of the Pharaohs*, p. 264-265; também C. LALOUETTE, *L'Empire des Ramsés*, pp. 127-130.

(68) A passagem do longo poema onde se inclui o nome de Israel faz também menção a outros locais do Corredor sírio-palestiniano onde Merenptah teria guerreado:

«Os chefes inimigos tombam dizendo 'Chalom!  
Nenhum levanta a cabeça entre os Nove Arcos.  
Tjehenu está derrotado,  
Khatti está em paz,  
Canaan está despojada de toda a maldade,  
Ascalon foi conquistada,







ta do Mitani favorecia, em particular babilônios e hititas». E foi nesta altura que, segundo P. Garelli, o Egípcio e o Hati «firmaram o tratado que previa a transferência de habitantes da cidade anatólica de Kurustama para território egípcio» (o.e., pp. 149-150).

(80) Citado por P. GARELLI, o.e., p. 161

(81) Ver J. BAINES e J. MÁLEK, o.e., p. 43,

(82) Os textos dos ramséssidas da XX dinastia dirão que os «Asiáticos» estavam completamente abatidos e a estatutária real traduzirá essa inócuca e vã proclamação (ver C. ALDRED, «Statuaire», in Jean Leclant, *Les Pharaons, 2: L'Empire des Conquistadores*, Col. L'Univers des Formes, Gallimard, Paris, 1979, pp. 99-201). O próprio Ramsés III, ilustrando claramente como o faraó é o único protagonista dos acontecimentos históricos, reproduzirá no seu templo funerário de Medinet Habu as cidades do Corredor que ele diz ter conquistado aos «Asiáticos» e aos «Hititas»; mas acontece que muitos dos nomes dessas cidades são os mesmos que se vêem nas listas das cidades tomadas pelo seu antepassado Ramsés II no Corredor sírio-palestino (cf. Mircea ELIADE, *História das Crenças e das Idéias Religiosas*, t. 1, vol. 1, Zahar Editores, 1978, P. 117). Para as campanhas de Ramsés III na Ásia ver C. LALOUETTE, *L'Empire des Ramsés*, pp. 316-319: «Ramsés III est-il alors remonté jusqu'à l'Euphrate? En tous cas, fidèle à la pensée ramesside, il voulut très vraisemblablement, essayer de maintenir le grand Empire que'avaient établi ses ancêtres» (o.e., 317).

(83) A. MALAMAT, o.e., p. 155.

(84) Entre os quais os Peleset (Filisteus) e os Tjeker, que seriam irredutíveis adversários dos Israelitas. Para P. GARELLI e V. NIKIPROWETZKY, *O Próximo Oriente Asiático, Impérios mesopotâmicos, Israel*, Livraria Pioneira Editora, Editora da Universidade de São Paulo, São Paulo, 1982, p. 53, «a constituição de um Estado israelita deveu-se à ameaça filistéia, não sendo resultado de um crescimento harmonioso sob o efeito de impulso interno».